

Por LUSITANUS

Na era das conquistas siderais, das viagens interplanetárias, depois de atingida a Lua, o homem pretende mais, muito mais, descobridor do espaço, dos segredos do Universo ser conhecedor. Na época em que não somente foram ensaiados voos de plataformas espaciais, mas também programadas viagens para muito breve. Neste tempo em que vivemos do qual os ponteiros caminham para o terminus do Séc. XX já estão afastados dois anos dos três terços passados e caminham vertiginosamente para aquela meta. Nesta época em que o factor tempo é um peso importantíssimo no quotidiano do cidadão e na economia geral de um país. Tempo e qualquer coisa parecida com transportes aéreos, marítimos ou terrestres, é coisa que a sociedade actual não pode dispensar. O homem tem necessidades a satisfazer, uma das quais são os transportes para o saciamento de uma comunidade, com o «levar e trazer» de necessidades.

Isto pode estar tudo muito certo, haver gente que assim

pense ou ainda melhor, uma coisa é certa: o automóvel é UM LUXO! Se ainda andasse a água... mas a gasolina é um luxo e em épocas de austeridade os luxos pagam-se caros. Por isso acabe-se, já, com os automóveis e passe-se a utilizar burros, mas dos mais económicos. Aconselho o leitor a não enfiar barretes, prefira do tipo de fraco consumo e bom rendimento, que é como quem diz, que coma pouco, mesmo muito pouco, e ande bem.

Amigos, o automóvel é mesmo dispensável, não o seria se não tivéssemos uma óptima rede de transportes públicos que quase nos põem à porta de casa! Temos comboios para todas as localidades e, além disso qualquer povoado, por mais distante que se encontre dos centros urbanos, é servido pelo dito transporte público a preços módicos e de dez em dez minutos. Por isso,

(Continua na pág. 2)

De sábado a segunda-feira as tradicionais festas da Senhora d'Ajuda



pios do século XIX, na Capela dos Galegos, então construída, onde se rezou missa em 1810.

As festividades têm, costumadamente, lugar no penúltimo domingo setembrino e, antigamente, tornavam-se grande arraial popular, começando a decorrer largos dias antes e terminando na 2.ª feira imediata.

A procissão, é usualmente acompanhada com o estoirar de grandes girândolas de foguetes, quando a imagem da S.ª d'Ajuda chega perto da praia para a benção ao mar.

São usuais nesta festa popular espinhense, a regueifa azeda, as nozes e as cebolas.

Entretanto, este ano, as festividades a N.ª S.ª d'Ajuda de que uns gostam e outros não, mas que se compreendem pelas suas características populares e, até, como polo de atracção para Espinho, têm um programa bastante pobre, nada consentâneo com a importância da nossa Cidade, como centro de turismo nortenho.

Pena é que não tenha havido o cuidado de se delinear um programa a não parecer de aldeola, retro-

(Continua na página 2)

DE defesa de ESPINHO

DIRECTOR: AMADEU A. MORAIS — 16-9-77 — SEMANÁRIO — N.º 2871 ANO 46 — PREÇO 4800

Vértice HEDIONDO CRIME

Por CARLOS SARRIA

OBJECTIVO 1

No último domingo. Cerca das 18 horas. Espinho cheio de visitantes. Acabava o futebol. Um espectáculo que carria muita gente para cá. Gente que, naturalmente, pela posição do «Avenida», leva o meio de transporte para essa zona. Entretanto, àquela hora, composições da CP, faziam manobras. Manobras que demoravam. Que impediram, durante largo tempo, a passagem para a parte de cima da cidade. E o trânsito embarralado. E as pessoas desesperaram. E as reacções deram-se. E o aborrecimento instalou-se nos nossos visitantes. Enfim, a costurada colaboração da CP! Enfim, um problema que ninguém resolve! Enfim, mais um cartaz de negativa propaganda para uma terra de turismo!

Espinho - Grauja

Vai em aumento a obra que nos trará uma passagem superior ao C. F. à altura de uma grande terra. No entanto, esta obra é feita para facilitar as ligações com o norte, e avulta, nesse contexto, a futura Avenida Espinho-Granja.

Esta obra, a nosso ver, só será resolvida se for encarada bem de frente, e, em testemunho do que dizemos, estão cen anos de espera. Hoje por isto, aranhã por aquilo, o caso vai-se etenizando, mesmo quando parece estar à mão para se resolver.

Escreveu A. A.

Difícil se torna hoje, com casas clandestinamente construídas no

(Continua na página 2)

1. Conforme veio noticiado, a filha do cônsul belga, em Valencia, uma encantadora petiza de quatro aninhos, foi raptada e, mais tarde, selvaticamente assassinada, aparecendo semi-enterrada nas imediações de sua casa, um requinte de malvadez.
2. Por detrás deste hediondo crime, prepetado por feras humanas, as quais, indevidamente, se rotulam de homens, estão organizações ditas de guerrilheiros revolucionários.
3. Em santo nome de ideologias políticas, de reivindicações, de justiça, de atitudes revolucionárias, de luta anti-isto ou anti-aquilo, comete-se um crime repugnante desta estirpe.
4. Verdadeiros alienados, loucos, fanáticos, programados, drogados, catequisados, esses monstros, capazes de chegarem a extremos de tal natureza, na pessoa duma inocente garota de quatro aninhos, são autênticos «robots», verdadeiros «marionettes», jagunços dirigidos ou manobrados por iluminados caciques que, na sombra, lhes mandam, se assim o entenderem, executar crimes bárbaros.
5. Apesar disso tudo, porém, as vozes que, costumadamente, se levantam para organizarem manifestações de protesto, mesmo até quando um correlegião de sua cor é, aqui ou na estranha, apenas, preso, não se ouviram desta feita.
6. Não se leu, por exemplo, que os intelectuais tivessem assinado um manifesto de protesto pedindo justiça: não se verificou que, por exemplo, as organizações políticas tivessem determinado uma manifestação de pesar e solicitando castigo contra os revolucionários guerrilheiros; não se constatou, afinal, nenhuma tomada de posição, a demonstrar a costumada repulsa dos democratas deste país, perante tão hediondo crime, quando, por muito menos, e mesmo em relação a factos passados no estrangeiro que envolvem determinadas figuras, isso acontece.
7. Assim vai o mundo! Cada vez mais invadido por feras humanas, cada vez com menos senso de justiça, cada vez mais louco, cada vez mais alienado, cada vez mais materialista, cada vez mais selvático, cada vez menos respeitador do ser humano.
8. Um crime mais que repugnante, sobre uma inocente criancinha de quatro anos, para demonstrar ou justificar o quê?
9. Um crime mais que repugnante, a exigir justiça implacável, que, se acontecesse, apenas desabaria pelos executores, sem atingir quantos, na verdade, o geraram.
10. Um crime hediondo, monstruoso, repugnante, que devia motivar, este sim, uma grandiosa tomada de posição das pessoas que, felizmente, ainda não aceitam, que, em santo nome de certas coisas, seja possível haver tamanha selvajaria e bárbara em pleno século vinte.

VISOR

A frente da entrada do Hotel Praiagolfe, a maior e melhor unidade hoteleira, desta terra de turismo, uma área de terra batida, transformada em inestético parque de automóveis.

Para ali, prometeu-se, inicialmente, duas torres habitacionais, com baixos para lojas comerciais e, também, um aparcamento subterrâneo para veículos, como apoio a toda uma zona turística, bastante frequentada.

O tempo passa, tudo continua como dantes e Espinho é quem sofre na carne, como em muitos outros problemas locais, a inércia dos homens.

Até quando?



TEMPO DE MEDITAÇÃO

Apelo aos médicos da Previdência

«Aos médicos da Caixa de Previdência. Gostaria de fazer um apelo à vossa consciência de bons cidadãos. Não deem baixa a torto e a direito a pessoas que ainda se gabam da vossa boa vontade e benevolência e que só sabem prejudicar os trabalhadores honestos e conscientes que lutam pelo pão de cada dia, procurando que as empresas não se ajuntem cada vez mais num abismo que será de todos — deles e dos outros».

(In «O COMERCIO DO PORTO», secção «Não venha cá... telefone»)

NOTARIADO PORTUGUÊS

Sexto Cartório Notarial do Porto a cargo da Notária Lic. Judite das Neves Rodrigues

«AJL—SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES, LIMITADA»

Certifico para efeitos de publicação que, por escritura de 5 do corrente mês, lavrada de fls. 92 a a 93v, do livro de escrituras diversas C-número 99, deste Cartório, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º—A sociedade adopta a denominação de AJL—SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES, LIMITADA, tem a sua sede na Rua 20, n.º 1108, da cidade de Espinho, e durará por tempo indeterminado.

2.º—O objecto da sociedade consiste no planeamento, urbanização e construção de prédios e na compra e venda de bens imóveis, podendo, todavia, dedicar-se a qualquer ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem.

3.º—O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, é de 2.000.000\$00, dividido em duas quotas de 1.000.000\$00, pertencendo uma a cada um dos sócios José António Ferreira Lima e Arlindo Pereira da Silva.

4.º—Os sócios poderão fazer à sociedade prestações suplementares de capital e os suprimentos de que ela necessitar, nos termos e condições que acordarem.

5.º—A gerência social, dispensada de caução, fica afectada a ambos os sócios, bastando a assinatura de qualquer deles para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos.

6.º—A sociedade poderá constituir mandatários para os fins consignados no artigo 256 do Código Comercial.

7.º—Aos sócios é vedado exercer qualquer ramo de actividade igual ao da sociedade ou fazer parte de sociedades com o mesmo fim.

8.º—As cessões de quotas são livres entre os sócios; porém, quando a favor de estran-

nhos ficam dependente do consentimento dos sócios não cedentes.

9.º—No caso de falecimento ou interdição de qualquer socio a sociedade continuará com os sócios sobreviventes ou capazes e os herdeiros ou representantes legal do falecido ou interdito, devendo aqueles ser representados por um só dentre eles escolhido enquanto a quota se mantiver indivisa.

10.º—As assembleias gerais, quando a lei não determine outras formalidades, deverão ser convocadas por meio de carta registada dirigida aos sócios com a antecedência mínima de 15 dias.

Está conforme o original.

6.º Cartório Notarial do Porto, 7 de Setembro de 1977

O Ajudante do Cartório

Maria José da Mota Ribeiro

ORAÇÃO DAS 13 ALMAS

OH! JESUS que disseste: pede e receberás; procura e acharás; bate a porta e abrirá; por intermédio de Maria, Vossa Sagrada Mãe eu bato, procuro e vos rogo que minha prece seja atendida (menciona-se o pedido).

Oh! Jesus que disseste: tudo que pedires ao Pai em meu nome, Ele atenderá por intermédio de Maria Vossa Sagrada Mãe. Eu humildemente rogo ao Vosso Pai em Vosso Nome, para que a minha oração seja ouvida (menciona-se o pedido).

Oh! Jesus que disseste: o Céu e a Terra passarão, mas a minha palavra não passará. Por intermédio de Maria, Vossa Sagrada Mãe, eu confio que a minha oração seja ouvida (menciona-se o pedido).

Rezar 3 Avé-Marias e 1 Salve-Rainha. Em casos urgentes, essa deverá ser feita em 9 horas e mandada publicar por se ter alcançado uma graça.

Ao milagroso Menino Jesus de Praga agradeço graças pedidas.

(Publicidade) M.L.V.O.

OBJECTIVO 2

Oito dias antes das festas d'Ajuda, já carroceiros e pistas tinham assentado arraiais. Na avenida 8, nas imediações do campo de futebol. Claro, umas festas populares, não podem faltar carroceiros e pistas. Certo. E deve haver lugar para tais divertimentos. Nunca, porém, a ocuparem a rua de lés-a-lés, tapando a circulação normal de veículos automóveis, durante oito ou mais dias. E, logo, na subacência de um campo de futebol que, ao domingo, atrai milhares de pessoas e, naturalmente, os veículos onde tantas delas se transportam. Não ver os inconvenientes duma autorização nestes termos, parece incrível. E além de incrível, causa naturalmente problemas que, com um mínimo de visão, se evitariam. Bastaria só autorizar aqueles divertimentos em locais adequados.

Novena poderosa ao Menino Jesus de Praga

Oh! minhas 13 almas benditas sabidas e entendidas, a vós peço pelo amor de Deus, atender ao meu pedido. Minhas 13 almas benditas sabidas e entendidas, a vós peço pelo sangue que Jesus derramou, atendei ao meu pedido. Minhas 13 almas, benditas sabidas entendidas, peço-vos pelas lágrimas que Jesus derramou de seu sagrado corpo, atendei ao meu pedido. Meu Senhor Jesus Cristo que a vossa protecção me cubra, que vossos braços me guardem no vosso coração e me proteja com vossos olhos, Oh! Deus de bondade. Vós sois meu advogado da vida e na morte, peço-vos que atendeis a meus pedidos e me livrais dos males e dai-me sorte na vida. Segue meus inimigos, que os olhos do mau não me vejam, cortai as forças dos meus inimigos. Minhas 13 almas benditas sabidas, entendidas e me fizerdes alcançar estas graças (pede as graças) ficarei devota de vós e mandarei publicar esta oração, mandando também rezar uma missa, 13 Avé-Marias, 13 Padre Nossos, 13 dias. Agradeço graças recebidas.

(Publicidade) G.F.D.L.

Abaixo o Automóvel

(Continuação da página 1)

...que é um luxo, tu, Zé burguês se quiseres andar de automóvel toca a pagar vinte e seis «paus» por cada litro de «gasosa». E a mais cara da Europa e não só? Que importa? Se queres luxos toca a pagá-los!

—O quê?... Queres saber se o preço é igual para toda a gente?

—Claro que é!...

—Ai, também queres saber se os funcionários do Estado, incluindo as Forças Armadas, pagam Impostos?

—Eu entendo que sim, que pagam.

—Se não há maneira de a gasolina ser mais barata, ou até não a utilizar nos automóveis?

—Tás doido, Zé? Se o problema estivesse aí... Não sabes que aqui há uns anos um tipo quis andar com o seu (dele) automóvel a água ou hidrogénio, ou qualquer outra coisa, e não o deixaram? Que um outro tipo, ali na vizinha Espanha, também disse que descobriu a forma de utilizar água em vez de gasoli-

na... Era pôr um anúncio e tu vias quantos apareciam. Mas não podia ser!

—...? Já reparaste que para subsidiar o Fundo de Abastecimento e Preços iam atirar com outros Impostos sobre ti?

—...? Olha, isso não sei! Não sei se os preços políticos também são subsidiados por esse Fundo. O que sei, porque ouvi dizer, a pessoas responsáveis, destina-se a subsidiar coisas de primeira necessidade, alimentos, especialmente.

Tem paciência amigo, e não te esqueças de quem quer luxos paga-os, ou pensavas que aqui se queria uma república de burgueses? Se pensavas, deixa de pensar, porque aqui só se querem proletários.

Abaixo o automóvel! Acima a gasolina!

Querias ter transporte próprio e ir para e onde te desse na real gana, não querias mais nada? Tens os transportes públicos funcionais, baratos, a qualquer hora! Que mais queres?

Festas da

SENHORA D'AJUDA

(Continuação da página 1)

cedendo-se relativamente aquilo que, nos últimos anos, se tem feito. E andar para trás, não nos parece um índice de evolução.

Eis, portanto, o programa das festas:

Sábado, 17, às 9 h. Abertura das Festas com uma salva de 21 tiros; às 18 h, entrada das Bandas de Música dos B. V. de Espinho e Cedofeita do Vale; às 24 h, sessão de fogo preso.

Domingo, 18, às 9, entrada das Bandas dos B. V. de Espinho e de Arouca, às 15 h majestosa Procissão (pelo trajecto habitual) com a comovente Benção do Mar; às 21h30, continuação dos concertos pelas duas Bandas; às 24 h, sessão de fogo de artifício.

2.ª feira, 19, grandiosa Feira das Cebolas, na rua 8 a partir da rua 23 pra Sul; às 18 h, entrada da Banda de Música de Cedofeita do Vale e da Banda e Música de Belinho-Esposende, que alternarão até ao fecho das Festas, às 24 h. Tríduo de Pregação nos dias 15, 16 e 17.

Espinho - Granja

(Continuação da página 1)

local de passagem e que torna o caso um tanto ou quanto difícil, mas não impossível.

Enchem-nos de esperança a afirmação, por quem a poderia fazer, que a futura Avenida interessaria não só a Espinho, mas também ao concelho de Gaia, em grande parte.

A conjugação de esforços dos dois concelhos será a maior garan-

tia que a ligação será um facto, e entendemos que se não deve perder o entusiasmo para que se consiga, prestando um grande benefício à nossa cidade e melhorando consideravelmente o acesso que hoje é apertado e impróprio do tempo.

Apesar de tudo, à vista do passado, confiamos no presente e na palavra dos homens, que saberão honrar as suas terras e deixar o seu nome ligado a uma grande obra.

estimado leitor:

NÃO DESPERDICE ÁGUA!



SEMANÁRIO

FUNDADOR: BENJAMIM COSTA DIAS

PROPRIEDADE: EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA 19, N.º 62 — TELEFONE, 921525

Comp./impresso na Coopertipo, scarl/R. José Falcão, 122/Porto

TIRAGEM MÉDIA 2.400 EXEMPLARES

GRANDE CASINO DE ESPINHO

Salão de Festas

M/14 anos

SÁBADO

24

Set.º 77 22 h.

FESTA GRANDIOSA

Com o Conjunto de Guitarras de JORGE FONES e o Imitador-Fantasia Cómico MANUEL ROCHA "El Cantiflas"

e ainda um grandioso show internacional de variedades e música de dança

Follies Ballet Show

Ballet inglês

Eccarius

Acrobatas alemãs

Las Vegas Puppets

Malabaristas Franceses

Natalina José

Cançonista

Los Windy's
Surprise
Grupo 4

Bilhetes à venda no escritório e na bilheteira do Casino — Mesa c/4 lugares — 600\$00

ESPINHO E AS FÉRIAS «JN»

O conceituado matutino portuense tem promovido, desde há semanas, um interessante concurso denominado FÉRIAS «JN», que relativamente à semana passada tinha como prémia uma semana de estadia em Espinho.

Foi contemplado um reformado da PSP, Ezequiel Campos da Silva, de 55 anos, que, com a sua esposa, terá direito a permanecer 8 dias na nossa terra.

Parabéns (aos felizes contemplados «JN») e umas boas férias entre nós.

PORTEX 77

A partir de 19 a 23 do corrente, decorrerá no Palácio de Cristal, no Porto, um certame chamado PORTEX 77 — Semana Portuguesa de Textéis, Malhas e Vestuário.

A PORTEX-77 estará aberta, diariamente, das 15 às 23 horas, havendo também passagem de modas.

ATENÇÃO AOS CAÇADORES

O «Diário da República» de 27 de Agosto (3.ª Série) publicou um despacho do Secretário de Estado das Florestas proibindo, na época de 77/78, a caça à perdiz, nos concelhos de Condeixa, Montemor-o-Velho, Soure e Vila Nova de Gaia.

Relativamente ao concelho de Braga, só se poderá caçar duas perdizes por dia e por caçador.

Aerooclube da Costa Verde

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Artigo 33.º dos Estatutos, em nome do Presidente da Assembleia Geral, convocamos todos os Sócios do Aerooclube da Costa Verde a reunirem-se em Assembleia Geral na Sede, sita no Aeródromo de Paramos, pelas 21 horas do dia 24 de Setembro de 1977, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Leitura, discussão e aprovação da Acta da Assembleia anterior.

2 — Tomada de posição da Assembleia em virtude de não ter sido cumprida a deliberação da Assembleia anterior, no respeitante à apresentação das contas da gerência anterior, por um grupo de trabalho nomeado pela mesma Assembleia.

3 — Exposição sobre o andamento do Inquério mandado instaurar pela Assembleia anterior.

4 — Debate de problemas gerónicos de interesses para o Clube.

Nos termos dos parágrafos 1.º e 2.º do Art.º 34.º dos Estatutos a Assembleia funcionará, em segunda convocatória, uma hora depois, com qualquer número de Sócios.

O Secretário Geral, Orlando Tato de Almeida

«RECORD» NACIONAL

Nalguma coisa nos temos de distinguir. Pena é que o seja nos aspectos negativos. Por exemplo, as últimas estatísticas oficiais europeias sobre inflação, diz que a taxa aumentou 0,4 % nas principais democracias industrializadas Ocidentais em Julho, ligeiramente abaixo do acréscimo de 0,6 % registado em Junho. Segundo a OCDE, a taxa de inflação anual continua em 9,2 %.

Entretanto, a maior taxa de inflação anual pertence a Portugal com 34 %. Seguem-se a Islândia com 29,2 % e Espanha com 22,1 %, no entanto ainda não eram conhecidas as taxas relativas a Julho.

Enfim, um «record»... que o «Zé» aguenta, embrulhado num «pacote» de promessas, de demagogia, de lirismo.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL NÚMERO 67/77

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faço público, que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária de 29 de Agosto de 1977, deliberou abrir concurso para a exploração de duas montras na passagem inferior do caminho de ferro, no período de 1 de Outubro de 1977 a 30 de Setembro de 1978, nos termos das condições existentes na Secretaria da Câmara Municipal, que se encontram patentes todos os dias úteis, dentro das horas de expediente a quem as pretenda consultar.

As propostas terão de ser entregues até às 17,30 horas, do dia 26 do corrente e serão abertas na primeira reunião ordinária que se seguir.

E, para constar, se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo. Espinho e Paços do Concelho, 6 de Setembro de 1977.

O Presidente da Câmara Artur Pereira Bártolo

«DE» - 9.

CONCERTO PELA ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO

Realiza-se hoje, pelas 22 horas, no Salão de Festas do Casino de Espinho um concerto pela «Orquestra Sinfónica do Porto», patrocinado pela Comissão Municipal de Turismo de Espinho.

HOSPITAL DE ESPINHO

Segundo informação da Comissão Instaladora do Hospital de Espinho, o débito da Caixa de Previdência para com este estabelecimento hospitalar, cifra-se no montante de oito mil contos.

Recentemente a Caixa de Previdência fez uma entrega de cerca de três mil contos, prometendo a liquidação do restante, no mais breve espaço de tempo.

Informou-nos ainda que o Hospital mercê desta entrega, se encontra, neste momento, mais tranqüilo quanto à sua situação financeira, e que o Governo enviara uma circular prometendo um subsídio para fazer face às carências existentes.

AVEIRO

A Comissão Municipal de Turismo de Aveiro acaba de publicar um novo «Folheto» de propaganda turística da Cidade de Aveiro e Arredores.

Ilustrado com sugestivas fotografias a cores dos recantos mais belos da cidade e seu termo, contem preciosas informações sobre locais, monumentos e praias, dignos de uma visita, assim como sugestões para itinerários recreativos pela vasta região dos Moliceiros.

Completa a edição um mapa do Distrito e uma planta da Cidade de Aveiro.

SOLIDARIEDADE E GRATIDÃO

Prosseguindo na Campanha de Auxílio a um bombeiro voluntário da nossa cidade que ficou sem os seus haveres, recebemos duas ofertas, uma de 1.285\$00 dos Bombeiros Voluntários Espinhenses (angariada no Corpo Activo, Auxiliar e Fanfarra) e outra de 50\$00 de um anónimo de Silvalde.

São as seguintes as dádivas recebidas até agora:

«Defesa de Espinho» ...	1.000\$00
Amadeu Morais	1.000\$00
Duas anónimas	750\$00
Bombeiros V. Espinh.	1.285\$00
Anónimo (Silvalde) ...	50\$00
Total ...	4.085\$00

IMPOSTO COMPLEMENTAR

O Ministério das Finanças fez saber que, de acordo com diploma aprovado em Conselho de Ministros e a publicar em breve, as declarações mod. 1 do Imposto Complementar, relativas ao ano de 1976, quando nelas devam ser incluídos rendimentos de prédios, rústicos ou urbanos, situados no território do Continente ou das regiões autónomas dos Açores e Madeira, poderão ser apresentadas no serviços competentes até 14 de Outubro próximo, isentas de qualquer multa.

Quem entregar essas declarações até à data citada, poderá optar pela autoliquidação, beneficiando do desconto de 3 %.

OBJECTIVO 3

Foguetes. Estamos na época dos foguetes. Por causa das festas populares. Mas há foguetes... há exageros. Foguetes logo le madrugada, a acordarem cidadãos. Foguetes até altas bras da noite a não deixarem dormir quem necessita de descanso e, até, no dia seguinte tem de produzir. Foguete, em quantidades industriais. Num queimar bárbaro de dinheiro, como se o ribmar daquela poluição sonol fosse saudável, útil e a verdadeira festa. Foguete a horas impróprias. E senque as autoridades proibai o desaforo. E facilmente, pois, quanto autorizasse a habitual licença para o foguário, deviam-se determinar s horas. Nunca antes das 1h, nem depois das 23h. No entanto, estas anomalia continuam a verificar-se, e ninguém, se lhes opõe, po incrível que pareça!

A CIDADE

É já amanhã a finalíssima do Festival da Canção 1977

Amanhã, pelas 22 roras, realiza-se no Salão de Festas do Casino a finalíssima do Festival da Canção 1977. Disputarão os dez concorrentes apurados nas duas eliminatórias efectuadas.

Na segunda eliminatória realizada na passada sexta-feira, ficaram apurados os seguintes concorrentes:

- 1.º — Maria Palmira, Espinho, com a canção «Linda Espinho»;
- 2.º — Alcides Santos, Espinho, «Terra Amada»;
- 3.º — David Carvalho, Arcozelo, «Eu também sou sentimental»;
- 4.º — António Couto, Espinho, «Get Back»;
- 5.º — Alex Barbosa, Canelas.

Entretanto, relembra-se que os outros apurados são: Duo

Maquigrafos, António Barbosa, Manuel Gomes, João Manuel e Tony Gomes.

«FLASHS» DUMA VIAGEM AOS PAÍSES BAIXOS (3)

Por absoluta falta de espaço não nos foi possível inserir neste número os apontamentos sócio-humanos colhidos na viagem aos Países Baixos, duma caravana espinhense, pelo nosso colaborador Carlos Sárria.

Esperamos poder dar-lhe seguimento no próximo número de «DE».

PODE SER ÚTIL

espectáculos

CINE S. PEDRO

Dia 16, Sexta-feira — A GUERRA ACABOU, com Yves Montand e Ingrid Thulin — Não aconselhável a menores de 12 anos.

Dia 17, Sábado — DUELO NO MISSOURI, com Marlon Brando, Jack Nicholson e Kathlenn Lloyd — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Dia 18, Domingo — NA CAVE É QUE É BOM, com Wes Stern, Joan Collins, Larry Hagman, Judy Pace e Nisa Barale — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Dia 19, Segunda-feira — 5 DEMÓNIOS DO KUNG-FU, com Frankie Wei, Chen Kuan Tai — Interdito a menores de 18 anos.

Dia 20, Terça-feira — NOITE DE SILENCIO, NOITE DE SANGUE, com Patrick O'Neal, James Patterson e Jonh Carradine — Interdito a menores de 18 anos.

Dia 21, Quarta-feira — POR FAVOR NÃO ME MORDAM O

PESCOÇO, com Sharon Tate e Jack Mac Gowran — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Dia 22, Quinta-feira — O PEITO OU A PERNA, com Louis de Funès — Para todos, à tarde e para maiores de 10 anos, à noite.

CINE-TEATRO DO CASINO

Dia 16, Sexta-feira
Dia 17, Sábado
Dia 18, Domingo
Dia 19, Segunda-feira
SOFRIMENTO DE AMOR

Dia 21, Quarta-feira — O JUSTICEIRO DO MEIO DIA, com Franco Franchi — Maiores de 13 anos.

Dia 22, Quinta-feira
A tarde — OS TRÊS MOSQUETEIROS. O maior filme de desenhos animados — Para todos.

A noite — O PRÉMIO, com Paul Newman e Elke Sommer — Maiores de 13 anos.

farmácias

TURNO — E

Sexta-feira — Farmácia Paiva — rua 19 n.º 319 — Telef. 920250	
Sábado — Farmácia Higiene — rua 19 n.º 393 — Telef. 920320	
Domingo — Grande Farmácia — rua 62 n.º 457 — Telef. 920092	
Segunda-feira — Farmácia Teixeira — rua 19 n.º 46 — Telef. 920052	
Terça-feira — Farmácia Santos — rua 19 n.º 263 — Telef. 920331	
Quarta-feira — Farmácia Paiva — rua 19 n.º 319 — Telef. 920250	
Quinta-feira — Farmácia Higiene — rua 19 n.º 393 — Telef. 920320	

TELEFONES MAIS NECESSÁRIOS

Câmara Municipal de Espinho	920020	Emergência	115
Serviços Municipalizados	920040	Bombeiros V. Espinho	920005
P. S. P.	920038	Bombeiros V. Espinhenses	920042
G. N. R.	920035	Hospital de Espinho	920327
Correios	920335	Centro de Enfermagem de Espinho: dia 921587 - noite	923229
Abade de Espinho	920621	Praça de Táxis	920010
Auto-Viação Espinho	920323	Posto Médico da Previdência	920664
Estação C.F.	920087	Centro de Saúde de Espinho	921167

DESPORTO



INTERVALO

por C. SARRIA

AGORA, CLARO...

Vai-se falar de injustiça. Que, comparativamente, até pode ter havido.

Vai-se falar de que é inadmissível um castigo só surgir tantos meses depois. E há certa razão.

Vai-se falar de perseguição. Vai-se falar disto e daquilo.

Uma coisa, porém, se esquece. Quão imperdoáveis e inadmissíveis foram as atitudes assumidas.

Aquilo que se passou no Sp. de Espinho-Leixões, em voleibol, tenha ou não o árbitro prejudicado, nunca devia ter sucedido.

Reacções daquela natureza não cabem no desporto. Essa é a verdade. E com elas, perde-se qualquer ponta de razão.

Uma vez mais — e as vezes estão a ser demais — alguns prosélitos do Sp. de Espinho prestaram, então, um mau serviço ao Clube e à equipa de voleibol.

E vieram agora, tardiamente, as consequências.

Seis jogos de interdição!

Exagero? Injustiça?

Como diria o poeta: «Erros meus, má fortuna!

Bastava que o comportamento dos prosélitos tivesse sido correcto, desportivo, humano, não alienatório, e hoje ninguém se insurgiria contra o castigo, esquecendo, lamentavelmente, as insólitas e reprováveis atitudes assumidas.

E que desporto não é nada daquilo que deu margem ao castigo, considerem-no, ou não, injusto, exagerado e fora de tempo.

Nacional da 1.ª Divisão

SP. ESPINHO 1-VARZIM 0 A FERROS!

Voltou o futebol maior ao «Avenida». Mas como qualidade, não foi grande coisa. Um jogo de certo modo entusiástico, com duas equipas temerosas uma da outra e entregues, desde logo, a grandes cuidados defensivos.

Claro, os «tigres», cientes da importância dos pontos, deram logo o lamiré atacante, mas nem

ponder como prêmio duma 1.ª divisão, repise-se, um livre (a 3 m. do fim), proporcionou uma cabeça de Reis (muita passividade dos defesas visitantes), saindo um tento indefensável e a almejada vitória.

Enfim, para começar não foi mau, pois o que conta são os 2 pontos, porém, necessariamente, é preciso jogar-se mais e adquirir a mecanização, bem como a forma, embora se compreenda que estamos no princípio da época e houve grande mexida na composição da equipa.

Uma palavra para a defesa Coelho, um jogador cheio de genica, de ralé, lutador e que joga bem pois fez uma belíssima exibição, para o veterano Meireles, a comprovar, ainda, a sua utilidade, para Raúl pendular a 4.ª defesa e Gaspar, sempre bem na baliza.

O árbitro (estreante na 1.ª divisão) não comprometeu o jogo, embora tivesse um trabalho de certo modo irregular.

Por CARLOS SARRIA

a exibição engrenou, nem, lá na frente, havia gente para romper o muro-duro varzinista.

Algumas situações foram criadas, porém os «pontas-de lança» estiveram de férias e, com o andar dos minutos, tudo se dificultou, houve quebra e, por outro lado, o Varzim, mais traquejado, mais experiente, talvez um tudo nada melhor rodado técnica e fisicamente, começou a aparecer, isto já na etapa complementar.

E, também, embora com menos oportunidades, podia ter aberto o activo, mas, lá na frente, os pecadilhos dos seus atacantes (ou também das excessivas cauteladas defensivas, a ditarem tácticas com reforço na rectaguarda e muito povoamento no meio campo?) eram iguais aos dos «tigres».

Quando o empate se ajustava ao cariz do jogo, longe de corres-

Campo da Avenida, em Espinho.

Árbitro: Miranda Dias, de Coimbra.

SP. ESPINHO — Gaspar; Coelho, Gonçalves, Raúl e Amaral; João Carlos, Manuel José e Acácio; Canavarro, Reis e Malagüeta.

VARZIM — Tibi; Caixeira, Guedes, Albino e Lima Pereira; Festas, Júlio e Eliseu; Marco Aurélio, Horácio e João.

Substituições: no Espinho: aos 71 m. Meireles no lugar de Acácio; Sabença no de Manuel José, aos 85 m.; nos varzinistas: aos 65 m. Jarbas no lugar de Júlio e Marques, no de Guedes, aos 82 m.

Intervalo: 0-0.

Marcador: Reis, aos 87 m.

Cartão amarelo: Albino, 30 m. por pontapear a bola quando na marca para um livre.



SACHS

RUA 20 N.º 735 — ESPINHO

TOTOBOLA

CONCURSO N.º 3
18 — SETEMBRO — 1977

Os concursos n.ºs 3 e 4, incluem já somente jogos das I e II Divisões dos respectivos Campeonatos Nacionais de Futebol.

1. Boavista - Espinho	1
2. Varzim - Portimonense	1
3. Guimarães - Benfica	x
4. Belenenses - Académico	1
5. Sporting - Braga	1
6. Riopele - Setúbal	x
7. Feirense - Estoril	x
8. Marítimo - Porto	2
9. Vila Real - Régua	1
10. Marinhenses - E. Portal.	1
11. Águeda - Beira-Mar	2
12. Juventude - Barreirense	x
13. Farense - Atlético	1

CONCURSO N.º 4
25 — SETEMBRO — 1977

1. Espinho - Marítimo	1
2. Portimonense - Boavista	x
3. Benfica - Varzim	1
4. Académico - Guimarães	x
5. Braga - Belenenses	1
6. Setúbal - Sporting	2
7. Estoril - Riopele	1
8. Régua - Chaves	2
9. Fafe - Leixões	2
10. U. Santarém - Portalegren.	1
11. Barreirense - Montijo	1
12. Vasco Gama - Juventude	x
13. Cova Piedade - Farense	2

Natação

Na magnífica piscina da União de Lamas, a D.G.D. levou a efeito um Festival de Natação, que teve a participação de cerca de setenta jovens pertencentes a Lamas, São João da Madeira,

Por F. GOUVEIA

Ovar e Espinho. Espinho e Ovar somente em actividade nos meses de verão.

Os jovens representantes do Sporting de Espinho, colectividade que segunda consta, interessada em fomentar desportos náuticos, tiveram comportamento aceitável, conforme se indica:

25 METROS COSTAS

Masculinos (mais de 13 anos)

- 1.º — Paulo Sá, Ovar;
- 3.º — Abel Domingues, S.C.E.

Masculinos (menos 13 anos)

- 1.º — Rui Pinto, S. João da Madeira
- 3.º — Jorge Edgar, S.C.E.
- 4.º — António Branco, S.C.E.

Feminino (mais de 13 anos)

- 1.º — Fátima Janeiro, Lamas
- 5.º — Leontina Ventura, S.C.E.

Femininos (menos de 13 anos)

- 1.º — Maria Cristina, S. João da Madeira
- 5.º — Manuela Fernanda, S.C.E.

25 METROS LIVRES

Masculinos (mais de 13 anos)

- 1.º — Paulo Sá, Ovar
- 2.º — Abel Domingues, S.C.E.
- 5.º — Paulo Veiga, S.C.E.

Masculinos (menos 13 anos)

- 1.º — Pedro Luís, S. João da Madeira.
- 6.º Miguel Pedro, S.C.E.

DESPORTOSKÓPIO/DESSPORTOS

• NATAÇÃO — Desde 18 de Julho que funcionam na Piscina Municipal cursos de Natação, com apoio da D.G.D., dirigidos por Fernando Gouveia. Cerca de 120 «aprendizes» de natação, entre os 6 e os 14 anos, dos dois sexos. Esta actividade encerra-se em 15 de Setembro.

• VALORIZAÇÃO. Os praticantes mais destacados do badminton do S.C.E., acabam de ascender às 2.ªs categorias nacionais, mercê do mérito da sua actividade desportiva na 1.ª época em que se iniciavam na modalidade. São eles: Teresa Leite, Pinto Leite, João Artur e António Paulo. Este último atleta vai ver a sua carreira perturbada, porquanto terá de cumprir o serviço militar.

• INTERDIÇÃO. Em consequência dos incidentes da época passada, no jogo de voleibol SCE-Leixões, no qual alguns «desportistas» perderam lamentavelmente a cabeça — e quem vai pagar é o Clube —, o campo do Sp. de Espinho sofre seis jogos de interdição.

• LEMBRANDI. Quando frequentou a 1.ª divisão do futebol nacional, em 197/75, a equipa dos «tigres» conquistou a «Taça de Disciplina», instituída pelo jornal o «Mundo Desportivo». Será que o feito se repetirá?

• YAZALDE. Numa entrevista concedida ao jornal «A Bola», o conhecido e categorizado pontade-lança argentino, afirmou, quando a dada altra, se falou numa possível transição de Yazalde para o Sp. de Espinho. Como encarava o futebolista esta mudança? — escreve o entrevistador: «Sem menosprezo pelo Espinho não me interessava alhar num clube de fora de Lisboa.

Teria sido Yazalde a tal «bomba» que não deflagrou?»

• APRENDA AS LEIS DO FUTEBOL. Conforme o prometido, ca continuamos a facultar-lhe, sr. desportista-futebolista as 17 leis da bola, para que, quando protestar, o faça com conhecimento de causa.

LEI 1 — O CAMPO DE JOGOS

2. Marcação

O campo de jogos deve ser marcado com linhas visíveis não superiores a 12 cm de largura e nunca com sulcos cavados em «V»: as linhas limite mais compridas denominam-se linhas laterais e as mais curtas linhas de baliza. Deve ser colocada, em cada canto do campo, uma bandeira arvorada numa haste não ponteaguda que terá, pelo menos 1,50 m de altura. Uma bandeira semelhante poderá ser colocada de cada lado do campo, frente à linha de meio-campo à distância de pelo menos 1 m da linha lateral. Deve ser traçada uma linha de meio-campo, a toda a largura do terreno. O centro do campo deve ser assinalado com uma marca visível, à volta do qual se traça um círculo com raio de 1,15 m.

• QUEM SÃO? No último número demos a identificação dos guarda-redes espinhenses. Agora, teremos os defesas: Carlos João Pinho COELHO (nasceu em 10-4-53, vai nos 24 anos, veio do Atlético); Manuel GOMES Ferreira da Silva (23-8-47 — 30 anos — Sp. Espinho); José Pereira (PEREIRINHA) (28-1-52 — 24 anos — Sp. Espinho); RAUL Fernando da Silva e Sousa (28-10-53 — 23 anos — União de Coimbra); Fernando Pinto RIBEIRO (3-7-48 — 29 anos — Ass. Desp. Grijó); Manuel Rodrigues GONÇALVES (17-3-49 — 28 anos — Sp. Espinho) Artur AMARAL dos Reis (1-1-46 — 31 anos — Boavista).

• PREZAS. Fala-se deste conhecido e credenciado hoquista médio-defesa que, agora viria suprir a saída de Manuel José. Asseveram os dirigentes académicos que, apesar dos boatos (e alguns de boa fonte) nada há, até agora, relativamente à hipótese de uma mudança.

• MOIA. O nosso avançado espinhense está pronto para alinhar, se o técnico assim o entender, amanhã com o Boavista.

• ZEZINHO. Também o brasileiro, já recomposto da lesão que contraiu em Guimarães, poderá vir a alinhar no Bessa.

• TOTOBOLA. No Concurso dos «Órgãos da Informação», relativos à última época, «DE» obteve o 57.º lugar (com 235 pontos) entre 94 concorrentes. Venceu o «Correio do Vouga» com 328 pontos.

• JOSÉ AZEVEDO. O jovem e prometedor xadrezista espinhense, praticante da AAE, foi o único vencedor do grande mestre soviético Romanishin, numa «simultânea» disputada em Lisboa, no decurso do programa desportivo da festa do jornal «Avante».

• GASPAS. O guardião espinhense que obteve do «3» nas classificações dos críticos do jornal «A Bola», comanda, ex-aequo, com mais 4 futebolistas, o «Prémio Somelos-Helanca», que distingue o melhor jogador do «nacional» segundo a óptica dos críticos do referido trisemanário desportivo, o qual terá direito a 30 contos.

• ESPINHENSES. Três desportistas espinhenses na caravana do hóquei em campo que está em Inglaterra, no «europeu» de juniores: D. Alvaro Rocha (seleccionador), Dr. Seco Julião (médico) e Oscar (jogador).

• AVEIRO. Rodolfo Begonha, Director-Geral dos Desportos, desloca-se a Aveiro amanhã, dia 17 para orientar um colóquio subordinado aos temas «Desporto para todos» e «A violência do desporto».

O colóquio principia às 21.30 horas. E, possivelmente, realiza-se no Salão Cultural da Câmara Municipal de Aveiro.

Um olhar sobre antigos acontecimentos

Ainda de Pêta e Pêta e «No Seio das Ondas»

É sem dúvida bem conhecido que a «Revista» género de espectáculo, actualmente, está uma longa época, e esta circunstância não se dá unicamente por carência de autênticos autores ou de temas a parecerem esgotados!

por J. TATO

É que, pelo que temos lido e observado, tudo se baseia na pobreza dos assuntos tratados, mais com o pendor de humor apalhado, a gosto de certas platéias que vão na corrente daquilo que lhe impingem, menos, pela crítica de visão sábia e subtil que empresta o aprumo tão desejado ao conjunto representativo, quer de faceta alegre, vistosa e portanto atraente, que a certa qualidade de público mais exigente tanto aprecia. Os autores, têm que possuir requisitos capazes de corresponderem à qualidade do trabalho a produzir, como: inteligência, poder de observação, intuição artística, etc., sem isso a obra sai sensaborona e nada aliciante!

As (Revistas) antigas famosas pela sua qualidade, como: «Agulha em Palheiro», «Capote e Lenço», «Porto Tantos de Tal» e outras, que causaram justificados êxitos, apresentavam quadros deslumbrantes de preparação técnica, essencialmente nas apoteoses, que deixavam o espectador preso a visões surpreendentes e por isso se mantinham em cena largos meses! Hoje, infelizmente, apenas se vê um simples arremedo encostado a grãças que não têm o aliciamento desejado!

Naquele tempo, até os amadores provincianos, levados por certo pelo que de bom viam, concebiam tanto quanto possível, trabalhos de muito jeito e merecimento e não podíamos dizer que este exemplo se circunscrevesse apenas à revista «De Pêta e Bêta» que foi, inegavelmente, uma surpresa sob variados aspectos, que se conjugaram a produzir apreciável conjunto! Pelo título dos quadros se ficaria a fazer uma ideia aproximada daquilo que foi preciso desenvolver substancialmente em 36 números de música, pois a cada um correspondia um assunto. Não foi fácil para os jovens autores e contudo o êxito coroou a tarefa! Mau grado que tivesse havido um interregno de nove anos até que aparecesse o «Free-Kick» da qual falaremos mais para o fim.

Até lá, porém, os activos amadores do «Espinho Clube» levaram à cena muitas peças de variados temas e entre elas apareceu a Opereta «No Seio das Ondas», em dois actos, sobre tema regional, do poeta, Carlos de Moraes, com música original de Fausto Neves, que foi levada à cena em estreia em 12 e 15 de Março de 1927, em benefício das obras da nossa Igreja

Matriz. A actualidade desenvolvia-se no Bairro Piscatório e praia de Banhos! Enredo simples, embora com muito equilíbrio, ajudado por números de música com magníficos coros e cenários próprios, de belo efeito!

A crítica teve palavras de muito apreço, tanto para os autores como para os intérpretes, da qual apenas nos é possível respigar o pouco que segue: «... Os espectáculos agradaram em cheio».

As casas estiveram á cunha e o público não regateou seus justos aplausos, quer aos autores quer aos intérpretes. Dos primeiros diremos que mais uma vez tiveram ocasião de afirmar as suas qualidades artísticas. Carlos de Moraes, em outras obras teatrais, mas embora de menos folego que a mimosa opereta agora posta em cena. Fausto Neves, além de várias produções musicais que lhe grangearam justa notoriedade, é o feliz autor do Fado de Espinho. Dos intérpretes, além de Cassiano, Oscar Rodrigues, Francisco Almeida e Canáli, para quem o palco não tinha segredos, todos se portaram bem. Permite-se-nos, porém, destacar entre as gentis amadoras, D. Licéria Almeida, que nos deu uma adorável criada, e Elisa Soares num papel difícil para uma principiante — a protagonista da opereta — que se manteve airoso e a merecer felicitações...». «Free-Kick» de autoria de Alberto Barbosa, Alberto Valente e João do Norte, com música original de Fausto Neves.

Mário Valente não colaborou, por se encontrar ausente temporariamente em Espanha. Desejamos, entretanto, fazer aqui um pequeno desvio para prestar uma muito merecida saudade — muito simples, sem dúvida — a João do Norte, pseudónimo de José Martins, natural do Porto. Foi empregado da Fábrica Brandão Gomes, e com tanto amor se radicou em Espinho, que criou aqui inúmeras amizades.

Colaborador assíduo de jornais locais, onde marcou destacada posição, morreu na sua melhor idade e aqui ficou sepultado conforme seu desejo. Haveria muito ainda a esperar dele! A revista «Free-Kick» atingiu grande sucesso. Dos amadores de primeiro plano, só entraram Cassiano, Joaquim Moreira e Francisco Almeida, os restantes intérpretes, a maior parte foi principiante e, contudo, destes se revelaram muitos, como amadores feitos. A organização foi do Sporting Club de Espinho, desde os autores aos intérpretes. É pois esta revista que irá ser comentada pelo Dr. José Salvador, crítica passada à peneira de todos os personagens. Saiu no Jornal, «Gazeta de Espinho», no número de 6 de Março de 1927. Vale a pena apreciá-la. Tem sabor muito elevado de mocidade e conhecimento do assunto. Apreciação sob uma aceta que não se julgava nele existir. Sairá no número a seguir ao desta crónica. Atenção, pois.

Aquela Senhora...

Um dia destes precisei de me servir de uma repartição pública da nossa praça, e, se não fora a minha preparação profissional, adquirida com doseada fortuna e doutrinação com sapiente verborreia, onde não faltou o «desenrasca-te», teria mimoseado com pirôpos recheados de impropérios a dona da dita tribuna pública.

por ERRO

Na verdade, temos, no nosso concelho, repartições onde comandam, com valentia e amor protissional, mulheres. Numa dessas repartições, é ver uma empunhando o ceptro, de olhar sobranceiro, lábios cerrados, e finos como lâminas, clamando autoritária e tenoriamente, a presença dos seus subalternos, batendo a bota amazónica, alçando a compostura no trato com a plebe e dando largas à sua superioridade grosseira.

Pobre de mim que tinha necessidade de «desenrascar» um problema relacionado com meu irmão! Não tive outro remédio senão anunciar que me iria servir de um meu amigo, advogado, para resolver o problema.

Tanto fazia ser eu como ser o advogado, que tinha de ser assim e nada mais! Confirmei com esse meu amigo a excelência do trato de tal senhora. Ele também tinha dessas «anedotas», no seu «curriculum», com a tal repartição.

Enfim, que a coisa fosse comigo, um plebeu, ainda seria desculpável, agora com um senhor do mesmo tempêro...

Tenho pensado nessa única vez que tive o privilégio de ser recebido, sem me ter mandado sentar, sem ter quase despegado os olhos do trabalho que a manuseava, tendo pegado com relutância num papel, que não era de pergaminho, que eu risonho, amaneirado lhe oferecia, para consulta, e tentei fazer a experiência com as pessoas que tenho sobre a minha responsabilidade profissional, e verifiquei, alarmado, que não obtinha resultados, nem satisfação laboral.

E então, quando vinha de casa envinagrado com os remoques da minha cara metada, aproveitava atirar aos meus subordinados os meus ares enfatuados de soba, encarranchado no «cavalo do poder», brandindo o chicote da má educação e grosseria.

Desisti. Mudei de partido. Comecei a deixar em casa o que é de casa e a trazer para a fábrica o que é da fábrica.

São modos de ver e de agir recomendados pela experiência, que nos ensina a não apanhar moscas com vinagre.

Continuo a não ter ciúmes de ver mulheres a desempenhar lugares onde o homem era rei.

Continuo a ter queixumes quando deparo com atitudes que não são originais nem destinadas somente à plebe, onde me encontro, mas oferecidas a todos, diariamente, por clientes ou subalternos.

Quem ainda não adivinhou onde existe essa repartição que se aproxima que eu lhe reavivarei a memória, porque em boa verdade, quase todos nós temos necessidade de vergar a cerviz ao balcão daquela repartição.

E se por acaso houver a ideia de fazer um abaixo assinado para scannear a tal senhora, sempre tão mal disposta, podem contar comigo, a não ser que o seu partido seja o do Governo, porque então temos de «chupar» o seu reinado, até 1980...

Tesouraria da Fazenda Pública

EDITAL

Orlando de Almeida Castanheira de Carvalho, ajudante do tesoureiro, gerindo a Tesouraria da Fazenda Pública do concelho de Espinho.

Faz saber que, durante o mês de Setembro, se acha aberto o cofre para a cobrança voluntária sem juros de mora da CONTRIBUIÇÃO PREDIAL (LIQUIDAÇÃO DEFINITIVA) RESPEITANTE AO ANO DE 1976.

Esta contribuição deve ser paga de uma só vez, durante o mês de Setembro, quando as colectas forem inferiores a 500\$00, em duas prestações iguais, com vencimento em Setembro e Outubro, se a colecta for igual ou superior a 500\$00.

Juros de Mora: Não sendo paga qualquer das prestações, ou a totalidade da contribuição, no mês de vencimento, começarão a correr imediatamente juros de mora.

Relaxe: Passados 60 dias sobre o vencimento da contribuição, ou sobre o da última de duas prestações sucessivas, sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo para arrecadação da importância que se encontrar em dívida, considerando-se para o efeito vencidas as prestações ainda não pagas.

Tesouraria da Fazenda Pública do Concelho de Espinho, 6 de Setembro de 1977.

O ajudante do tesoureiro, gerindo a Tesouraria da Fazenda Pública,

Orlando Almeida C. de Carvalho «DE» - 16.9.77

NECROLOGIA

DEOLINDA M. DE SOUSA

Em Silvalde, no lugar do Sisto, faleceu Deolinda Moreira de Sousa, de 46 anos, casada com Domingos António Rodrigues.

ANA PEREIRA MOURÃO

Nesta cidade faleceu Ana Pereira Mourão, de 80 anos, viúva de António Alves de Araújo Pinto Leite.

SILVINO DA SILVA COSTA

Em Paramos, no lugar da Quinta, faleceu Silvino da Silva Costa, de 32 anos, casado com Belarmina Pereira Relvas.

AGRADECIMENTOS

A Sr. António agradeço grande graça alcançada e peço sempre protecção.

A Sr. Judas Tadeu agradeço graças abençoadas e peço sempre protecção. G. M. R.

CADA QUAL COM A SUA OPINIÃO

Colectividade desajudada?

Como deve ser do conhecimento de «DE», tem vindo o Clube Académico de Espinho, há mais de 20 anos, vivendo da carolice de uns quantos directores que, ao longo da sua vida, o têm mantido em actividade, actividade sempre amadora e, por certo, nunca o Clube Académico enveredará, em qualquer das suas secções, pelo profissionalismo.

Os seus associados, no momento em número aproximado de uma centena, pagam quotas entre 5\$00 e 10\$00, mal dando para as despesas de expediente do Clube.

Pelo seu incremento nas várias secções, foi necessário a abertura de uma Sede, a qual tomamos por aluguer, o que sobrecarrega o Clube numa verba que, para nós, é quase insuperável.

Não possuindo receitas, tem o Clube Académico vindo a promover provas, nas várias modalidades, e outras iniciativas para assim conseguir prosseguir e sobreviver.

Ainda há bem pouco tempo, como é do conhecimento de «DE» o nosso Clube não pôde contar com qualquer subsídio do bolo distribuído pela Câmara de Espinho aos Clubes da terra, parece-nos que por esquecimento.

Desde o ano passado, com autorização do Governo Civil de Aveiro, que, para angariação de fundos, o Clube vem realizando uma pequena «tombola» nas festas de S. Pedro e Sr. D'Ajuda e, agora, mais do que nunca, qualquer lucro é necessário para o pagamento das rendas e construção dos balneários que estamos a fazer.

Acontece que, apesar dos poucos auxílios que nos são dados através das entidades oficiais, outras existem ainda que entram nas nossas iniciativas e

nos procuram extorquir importâncias, a nós tanto são necessárias.

Vem isto a propósito de desejarmos instalar a tal nossa pequena «tombola» nas festas de N.ª S.ª D'Ajuda, mas, para ocupação do espaço, um senhor, dirigente do Turismo da nossa terra, nos tenha dito que seja para quem seja e seja para o que seja, o nosso Clube, teria, também, de pagar o espaço ocupado o qual nos custaria quatro mil escudos!

Será desta forma que as entidades oficiais desejam ajudar as colectividades da terra e o fomento do desporto?

Ou será que, ao contrário, ainda se servem das mesmas colectividades para a obtenção de lucros que, depois, são distribuídos da forma que melhor entendem e com prejuízo para os mesmos clubes?

Deixamos aqui bem vincado o nosso descontentamento pela forma como nestas festas D'Ajuda fomos recebidos e tratados por um elemento do Turismo e encarregado destas festas e pedimos que, através das colunas do vosso jornal, isso seja dado a conhecimento público.

Sempre as Comissões de Festas anteriores, tanto D'Ajuda como de S. Pedro, nos têm distinguido com a oferta do local, não procurando que dos nossos míseros lucros, cujo fim em vista todos sabem, nos fossem sugados, para outros fins, que não são, por vezes, os mais indicados ou necessários.

Prometemos, se nos puderem atender, que dentro em breve e por outro motivo de interesse a Espinho e a todos os desportistas voltaremos à v/ presença.

Pelo Clube Acad.º de Espinho

O Presidente da Direcção

Fernando Manuel Jesus Alves

AGRADECIMENTO

Abel Alves Rodrigues Fardilha

Sua esposa, filhos, noras e genro e mais família, vêm por este único meio agradecer às pessoas que assistiram ao seu funeral e missa do 7.º dia, pedindo desculpa de qualquer falta cometida

Paz pelo seu eterno descanso.

FERRÁDIO

MARQUES CORREIA PRATAS, LDA.

FERRAGENS PARA MÓVEIS E CONSTRUÇÃO CIVIL

PREGARIA E FERRAMENTAS DIVERSAS

FERRAGENS PARA CORTINADOS — TINTAS «SOTINCO»

RUA 7, N.º 314 — TELEF. 923401 — ESPINHO

MÁRMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

— DE —

VITORINO LOPES DA CRUZ

Telef. 920565 — Monte Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7, N.º 561

LUSOTUFO

Tapetes — Carpetes — Alcatifas

Telefone, 72005

CORTEGAÇA

Almoço, Jante e Ceia no

SNACK

BAR

S. PEDRO

RESIDENCIAL

PORTO

1.ª Classe

Aberto até às 4 horas da manhã
com cozinha permanente

Telefones: 920294 - 920391 — Ângulos das Ruas 8 e 25

ESPINHO

Aves — Peixes — Gaiolas
Nacionais e Estrangeiras
Aquários — Pombos Correios — Alimentações
Pintos do dia
Cães e Gatos de Raça**O VIVEIRO**

IMPORT. — EXPORT.

Estabelecimento: Rua 23, N.º 51 e 52 (Mercado Municipal)
Escritório: Ruas 18 e 25 — Telef.: 921728-921622 — ESPINHO**Restaurante-Bar da Piscina**

ALMOÇOS — JANTARES

SERVIÇOS A LISTA

Especialidade em frango à Lokinhas

Preços especiais para Banquetes com todas as garantias

Dirigido por ARMINDO AZEVEDO

TELEFONE, 920153 — ESPINHO

TRESPASSA-SE

Restaurante Snak-Bar

MANUEL DA ESPLANADA

Avenida 8

Trata o próprio aluguer e trespasse

PASSA-SEFábrica de Confeitaria situada no centro de Espinho,
com possibilidade de adaptação a outro ramo de acti-
vidade ou para armazém.Falar na Rua 14 n.º 747 ou pelos telefones 922218 e
923386 ESPINHO**COSTA LEITE & C.ª, L.ª DA**CONCESSIONÁRIOS DA BRITISH LEYLAND
NOS CONCELHOS DE ESPINHO E OVAR
SERVIÇO OFICIAL AUSTIN E TRIUMPH

Pneus Goodyear * Baterias Tudor * Oleos Castrol

MOTORIZADAS CASAL

RUA 14 N.ºS 623 E 881 — TEL. 921104 — ESPINHO

Você que trabalha:Porque não tenta a sua valorização profissional:
Inscreva-se no Centro de Estudos da Cooperativa
Nascente. Abertas as inscrições para o Ciclo Prepa-
ratório, 2.º e 3.º Ciclos, a partir de 15 de Setembro.
Cooperativa Nascente - Rua 62 - 251 - telefone 921621
todos os dias das 19 às 20 horas.

Não era mais um...

MERCADO NOVO DIA

DOMINGOS ANTÓNIO NUNO, LDA.

Rua 18 n.º 1067 — Telefone 922739

Procurando servir cada vez melhor os consumidores
da zona sul da Cidade de Espinho.

Inauguramos a Secção de Talho.

médicos**DR. CASTRO REIS**

ESPECIALISTA PELA O.M.

DOENÇAS DOS OLHOS.

ORTÓPTICA.

RUA 16 N.º 250-1.º-ESQ.

TELEF. 922470 — ESPINHO

REINALDO DE ALMEIDA

Doenças da boca e dentes

Rua 16 n.º 545 1.º Espinho

Suspende a clínica até ao

fim do Mês de Setembro

Marcações pelo telef. 922931

à venda**AUTOMÓVEL**

(Como novo)

VENDE-SE

Ver na Garagem Avenida
Rua 24-915 ESPINHO**tratamentos****CENTRO DE ENFERMAGEM
DE ESPINHO**Todos os serviços de enfermagem
oxigénio, camas articuladas, etcHorário:
das 9 às 12,30 e das 14,30 às 20 h.

Telefone, 921587

Telefone de urgência 922329

Noite

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

Frente à Igreja

Divulgue "DE"**VENDE-SE**Apartamento com garagem e
arrumos com muito requinte,
sito no 1.º andar Dt.º das Ruas
15 e 30 n.º 922 - Espinho. Falar
no local.**diversos****PRECISA-SE**Senhor Francês, a trabalhar
no Amoníaco Português, em
Estarreja, necessita aparta-
mento ou vivenda mobilada
por alguns meses em Espinho
ou arredores.
Resposta à Redacção n.º 318**ALUGA-SE**Res do-chão para Arma-
zém ou fins comerciais,
sito em Paços de Brandão.
Falar pelo telef. 967492**CALISTA**

Consultas em Espinho

9 às 13 h. — 14,30 às 19 h.

Telefone, 923178

Rua 25 n.º 48 — Todos os dias

ESTABELECIMENTO

DE MÓVEIS

E DECORAÇÕES

ESPECIALIDADES

EM MOBÍLIAS

DE ESTILO

SÉCULO XVII

★

JOSÉ AZEVEDO PERES BIZARRO

Rua 4 n.º 667 — Telef. 921324

ESPINHO

Joaquim Gomes Pereira

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem
electrónica para verificação de alter-
nadores. Bobinagem de dínamos e mo-
tores. Testes eléctricos e Focagem
de faróis.

(Serviço Mobil)

Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO

Residência — Telef. 964194

advogados**DULCE DE OLIVEIRA CAMPOS
FERREIRA DE CAMPOS**

Advogados

Rua 11 n.º 877 — Telef. 922210

ESPINHO

AMADEU J. MORAIS

ADVOGADO

Escritório: Rua 20, N.º 412

Telef.: 920273

Às segundas, quintas e sextas,
a partir das 17 h.**ALMEIDA SANTOS**

Advogado

Escritórios:

Espinho — Av. 24, n.º 741

(Junto ao Café Parque)

Telefone 923314

Segunda-Feira — Todo o dia

4.ª e 6.ª — De manhã

Vila da Feira

(Junto das Escadas do Convento)

Restantes dias tel. 96251

Registo Bibliográfico

FERNANDO GRADE

(Continuação da pág. 8)

SENA, Jorge de: «O Físico Produtivo». 135 págs.. Série Ficção. Edições 70. Lisboa, 1977.

Inspirado em duas histórias de uma obra moralística-religiosa do século XV, em que numa nos mostra «o homem com poderes mágicos de cura com o seu sangue e de ressurreição dos mortos» e na outra «o homem que não pode ser enforcado porque o diabo o protegia levando-o no ar», esta narrativa de Jorge de Sena é a simbiose das duas «estórias», acrescentada, ampliada e transformada com outros mitos populares.

A imaginação e a técnica narrativa dão a esta história uma originalidade singular que a torna uma obra prima de técnica linguística pela sua força, segurança, domínio e naturalidade da linguagem que emprega. Mais um livro de Jorge de Sena que merece a atenção do leitor.

ROCHA, Jofre: «Estórias do Mussequê». 88 págs.. Col. Autores Angolanos. Edições 70. Lisboa, 1977.

Colectânea de contos de um autor que já vinha dando testemunho do seu talento, desde os bancos do liceu, passando pela redacção de alguns jornais de Luanda, são o retrato vivo e palpante da vida de um povo subjugado à exploração colonialista.

Figuras humanas perpassam aqui como prototipos de uma resistência pertinaz, lenta mas corajosa. Aqui se realça o pitoresco e a graça da língua portuguesa maneirada e mesclada com construções morfológicas e sintáticas de raiz nativa que lhe dá uma certa universalidade.

PEPETELA: «As Aventuras de Ngunga». 128 págs.. Col. Autores Angolanos. Edições 70. Lisboa, 1977.

Ngunga é aquele jovem herói da resistência, militante do M. P.L.A. que tudo sofre, na sua alma e no seu corpo em defesa da sua causa: a libertação do seu povo.

Ngunga é o símbolo da juventude angolana diante das forças que subjugavam o seu território.

Estas «Aventuras de Ngunga» não são mais que uma narrativa-licença para todos os pioneiros daquele movimento de libertação nacional.

PAPUS: «O Ocultismo». 189 págs.. Trad. de António Last. Col. Estinge. Edições 70. Lisboa, 1977.

Há fenómenos e factos que a ciência oficializada não sabe ainda explicar. Estes fenómenos e factos fazem parte de uma outra ciência paralela: o ocultismo, que tenta explicar por vias racionais e físicas aquilo a que se dá o nome de mistério. O presente livro de Papus, introduzindo-nos dentro da psicologia, da lógica, da metafísica, da teodiccia, da moral e da sinarquia, tenta explicar o homem na sua origem e no seu destino.

LUSSU, Emílio: «Teoria da Insurreição». 220 págs.. Trad. António José da Silva. Col. Bibl. Ulmeiro, Livraria Ulmeiro. Livraria Ulmeiro. Lisboa, 1977.

Trata-se de um ensaio sobre a insurreição armada e civil, ao mesmo tempo testemunho de um período importante da história político-social da Itália Contemporânea.

O autor, partindo do estudo das insurreições populares de Outubro de 1917, na Rússia, na Espanha, na Alemanha e na Áustria, analisa a necessidade da insurreição na Itália que foi levada a cabo para aniquilar o fascismo de Mussolini.

É um manual para dirigentes políticos do proletariado que aqui temos, pela apologia que faz da insurreição popular.

FÉDOSSEEV, P. e outros: «O Comunismo Científico». 176 págs.. Trad. de Ana Rabaça. Col. Bib. Estampa. Editorial Estampa. Lisboa, 1977.

O presente livro é uma análise científica sobre o comunismo, subscrita por um grupo de autores chefiados por P. Fedosseév.

Partindo do lugar que o comunismo científico tem nas ciências sociais, os autores escalpelizaram até à exaustão o fenómeno político-social derivado das doutrinas de Marx e Engels e a sua evolução desde o socialismo utópico, o manifesto comunista, o sucesso da sua implantação na União Soviética, até aos nossos dias em que se debatem duas teorias antagónicas: o socialismo e o capitalismo.

BOZIC, PAWEL: «A Economia da Polónia Contemporânea». 162 págs.. Trad. de Alberto Carneiro. Col. Mundo Socialista. Editorial Estampa. Lisboa, 1977.

Este livro dá-nos conta do desenvolvimento qualitativo e quantitativo que a economia polaca alcançou, sobretudo, nos últimos anos que, segundo o autor se deve à política económica levada a cabo pelo Partido Unificado Polaco, através do sistema de planificação, gestão e organização.

Os resultados favoráveis obtidos devem-se também ao hábil aproveitamento do tempo de trabalho, à maquinaria e sobretudo ao aproveitamento das «energias humanas», tendentes a uma maior e eficaz produção.

Subsídios para a História do Concelho de Espinho

(Continuação da pág. 8)

Pinho Leal também diz com outros autores que a Estrada Mourisca acupava o mesmo leito pouco mais ou menos da actual estrada Lisboa-Porto, mas isto parece erro. A Via Militar Romana é provável que de Brito seguisse no lugar da Granja pelo caminho ou estrada velha e fosse passar no lugar de Vila Chã, na freguesia de Arcozelo e no lugar da Pedra Alva, a Gulpilhares, Valadares, etc., seguindo a Estrada Mourisca de... em diante o mesmo leito.

No lugar de Além do Rio de S. Félix da Marinha, nas paredes de dois prédios pertencentes aos herdeiros de José da Eira e dos Castellares existem alguns blocos que parecem formados de cimento e areia grossa. Serão restos da via Militar Romana ou Estrada Mourisca que passavam por lá ou por ali perto?

No monte chamado da Tapa da Nova, entre os lugares de Matosinhos e Fontes também aparecem, quando se faz alguma escavação, pedras da mesma natureza, mesmo entre o mato e à superfície do terreno. Serão vestígios daquelas vias de comunicação? Se são, estas dirigiam-se ao lugar de Paços da freguesia de Serzedo, que é lugar

inserir, digamos, numa perspectiva para-sindical.

F.A.B. — Falando agora do seu livro «O Vinho dos Mortos», que significado lhe atribui dentro da sua produção poética?

F.G. — O meu «O Vinho dos Mortos» é um livro extenso (porventura prolongado, para poesia), no qual se pretende compilar fazer a liquidação poética — passe a expressão — de certo período e fase anteriores ao 25 de Abril. Isto não significa, porém, a não-inserção de poesia posterior. Como não dá azo a que se infira (creio) qualquer *parti pris* pessoal do Autor para com uma poemática plurifacetada, até porque, nesse caso e como é óbvio, não a incluiria em livro. «O Vinho dos Mortos» (volume de 100 páginas, dividido em 5 partes) provém efectivamente de muitos sítios, de profundas ou superficiais viagens, de vivências contrastadas, de raivas, de emoções, de amores viageiros (e há viagens e viagens...), de alarme, até, imediatamente social, daí que não pretenda ser um livro coeso, nem poderia sê-lo, como se fosse arquitectado por um computador... «O Vinho dos Mortos» vem dar, em suma, notícia de uma pequena e grande geografias sempre afectas ao Autor. Sempre fui seduzido por locais e datas. Acho-os tremendamente fascinantes...

F.A.B. — Porque o dedicou «aos seus amigos e camaradas da República Popular de Angola, e em especial para o presidente-poeta Agostinho Neto»?

F.G. — Dediquei, de facto, o poema principal do livro «O Vinho dos Mortos» (e que fornece o título ao mesmo) «aos meus amigos e camaradas da República Popular de Angola, e em especial ao presidente-poeta Agostinho Neto». Esse poema, que é, com efeito, o meu mais longo trabalho individualizado em poesia, deriva de toda uma vivência africana decorrente dos

anos e das experiências que vivi em Angola. Nada mais natural e justo, por conseguinte, que dedicar esse texto poético aos meus amigos e camaradas, que são muitos, da República Popular de Angola, e à cabeça dos quais achei pertinente colocar o nome de Agostinho Neto, bom poeta, grande internacionalista, adversário de sempre do fascismo, colonialismo e imperialismo, resumindo, do capitalismo.

F.G. — Como poeta, não estou de faxina a ideias pré-estabelecidas. Acontece, todavia — e não é coisa do outro mundo!!! —, ser-se motivado, com relativa frequência, por problemas de substrato ideológico ou político. E, no caso vertente, há que «explicitá-los» no papel. Não obstante, a luta maior do poeta, como a do pintor, é, fundamentalmente, com o espaço em branco, na transfiguração do real. Daí, reivindicar para a poesia um campo dilatado de interesses, de directrizes, de visões (oh marânico Pascoaes...), e não apenas (o que é, de igual modo, muito importante) a cidadela, a

antiquíssima. O autor do «Mea Villa de Gaya» diz que a Via Militar ou Estrada Mourisca entraria no Concelho de Gaia entre Grijó e Guetim seguindo por entre S. Félix e... a que pertence o lugar de Brantães; passariam as terras de Serzedo, de Perosinho, etc.. Talvez seria assim, mas de Serzedo seguiria a procurar o mesmo leito da antiga via e iria a Pedra Alva, Alto da Velha em Gulpilhares (cemitério antigo), Crasto de Valadares, etc..

No lugar de Além do Rio, na parte mais ao norte, no alto, chamam o Fojo. Certamente houve ali algum fojo para caçar lobos, como em tempos antigos existiam em Portugal (Pinho Leal, vol. 3.º, pág. 224).

(Continua)

ERRATA: No número anterior quando se escreveu «Quinta da Farpa» devia-se ter escrito «Quinta da Farfa». Também o nome de um dos seus proprietários safu errado. O nome certo era Padre António Pinto de Araújo Ribeiro.

barricada de uma luta que, como cidadão, não me tenho recusado a travar e travá-la-ei sempre nesse plano.

F.A.B. — Porquê e para quem escreve a sua poesia?

F.G. — A poesia é um acto solitário e solidário. Faz-se para se ficar menos só. Para sermos felizes, por instantes. É solidariedade connosco mesmos e com os outros. Um rebate a sinos. Fogo ácido no escuro. Ando à procura de leitor(es). Ou não estivéssemos ainda, infelizmente, numa pátria semianalfabeta.

F.A.B. — Quais os seus projectos para o futuro?

F.G. — Viver. Continuar a viver de cara limpa.

Num futuro muito próximo, publicar novo livro de poemas (Edições MIC), bem como a segunda edição aumentada do livro «10 Anos de Poesia», de 1972. Aliás, «O Vinho dos Mortos» tem tido excelente saída. Por sua vez, o meu novo volume será uma obra *fanaticamente coesa, unitária*, longínqua já — e não renego — de uma liquidação poética semelhante à d'«O Vinho dos Mortos», mas algo que seja, estruturalmente, como que um regresso aos meus dezoito anos, ao tempo em que escrevi o meu livro de estreia, «Sangria».

(Continuação da página 8)

vez destituída de fundamentos transcendentes ou inerentes:

Ter tido tanta fé na vida
[Injusta
...e não saber sequer pra que
[que a vivi⁽⁵⁾

Eis aí o fulcro do problema: a falta de sentido da vida — o seu aspecto paradoxal, esquivo à compreensão, absurdo, em suma. Portanto, existencialismo *avant la lettre*? Sim: mais um para o rol. Aliás, «existencialistas» houve sempre, a partir do momento em que do conflito entre a razão e a Fé (como já em St.º Agostinho, por exemplo) esta logrou impor os seus direitos, mas sem que tivesse calado aquela. Ora aquilo que nos últimos decénios tem ocorrido é que as condições gerais da vida europeia têm sido muito propícias às sistematizações metafísicas de teor existencial.

Baptizem, pois, Laranjeira, se o entenderem por bem, de existencialista. Na verdade, «místico desta vida moderna, sem Deus, sem outro ideal», assim se caracterizou ele um dia; mas para acrescentar: «A fórmula prática de realizar o ideal, de viver dentro do ideal, como o Santo em Deus, — é trabalhar, trabalhar. Trabalhar é o único meio, actualmente, de compor a vida como uma obra de arte e uma obra de arte como a vida»⁽⁶⁾.

Quando ao projecto de trabalhar, sabemos já em que escombros ele naufragava...

E o Ideal? Que era o Ideal para Laranjeira? Para sermos comezinhamente chãos, aventa-

remos que consoante as perplexidades do seu psiquismo, era a *única saída* que lhe restava... «Final, amigo, eu também nasci místico», explica-nos ele, «quando se nasce místico, o remédio é satisfazer a sede do ideal»⁽⁷⁾. A sede de absoluto, corrigiríamos nós, Mas saciá-la onde? Na religião de que havia, irremediavelmente, duvidado? Na arte, para que não tinha vocação? Na metafísica, para o qual, segundo a *boutade*⁽⁸⁾ de Carnap, estaria bem fadado, mas para cuja prática, por outro lado, lhe faltavam, na verdade, o pendor especulativo. As portas estavam, com efeito, todas fechadas. Por isso se poderá, acaso, afirmar que Laranjeira se viu compelido a cousificar na vivência do Ideal a sua aspiração insatisfeita de qualquer crença viável. Ideal, portanto esvaziado de conteúdo, ou de conteúdo apenas vagamente romântico — pura forma alada, mais sentida que ideada, ao sabor dos ímpetus humorais desencontrados do sentidor e do «pensador».

(Continua)

(1) Comigo, p. 27.
(2) Cartas, p. 151.
(3) Comigo, p. 38.
(4) *Ibid.*, p. 40.
(5) *Ibid.*, p. 138.
(6) Cartas, p. 128.
(7) *Ibid.*, p. 127.
(8) «Os metafísicos são músicos sem dom musical»

ENCONTRO N.º 17

Setembro / 1977

Suplemento de Divulgação Cultural da «Defesa de Espinhos»

Direcção de F. AZEVEDO BRANDÃO

Subsídios para a História do Concelho de Espinho

S. FÉLIX DA MARINHA

(Contín. do Encontro n.º 16)

LUGARES DE FREGUESIA: Além do Rio, Brito, Igreja, Granja, Praia da Granja, Juncal, Espinho, Matosinhos, Mesura, Moínhos, Monte Picada, Fontes e Sanfins.

VIA MILITAR ROMANA e ESTRADA MOURISCA — «...Corrta o Vouga próximo a Talabriga (Aveiro) e daqui por entre Lancobriga (Feira) e o mar ia a Cale (Gaia). Com o tempo a costa se alterou por causa das areias e os rios estagnados não só esterilizaram os campos, mas também destruíram as estradas e pontes; por isso os mouros fizeram a sua estrada mais por terra». (Pinho Leal, vol. 3, pág. 164).

A Via Militar Romana saía de Aveiro atravessava o terreno actualmente (1922) pela Ria d'Aveiro (que no tempo dos Romanos ainda não existia) seguia por Ovar entre o mar e Lancobriga e seguindo a praia do mar ia passar em Espinho, Brito, etc., de S. Félix da Marinha em direcção a Cale.

ESTRADA MOURISCA — Diz Viterbo que no tempo dos Romanos não existia a Ria d'Aveiro que foi formada pelas águas de diversos rios que nas suas embocaduras foram obstruídos por grandes montões de areia que impediam a sua livre saída para

Pelo P.º ANDRÉ DE LIMA

o mar, espalhando-se pelas margens que eram quase planas e quase a superfície da água dos mesmos rios.

Foi essa a razão porque os mouros fizeram a Estrada Mourisca mais por terra desviando-se dos lugares inundados pelas águas dos rios sem saída livre para o mar, isto porque a conservação da antiga via militar romana era muito dispendiosa. Pinho Leal diz que esta estrada passava em Serzedo e em S. Félix da Marinha.

Nos documentos de Grijó se faz larga menção de propriedades e fazendas, umas que ficavam da parte de cima e outras da parte de baixo da Estrada Mourisca.

Num documento de 1148 Trutesindo Mendes doou a Grijó o que tinha em Brantães e em S. Félix: «subter illam statam Mouriscam discurrente ribulo Cerzedo» (in «Mea Villa de Gaya, p. 14).

A expressão: «Pela parte de baixo da Estrada Mourisca refere-se a propriedades que o sobredito Turtezindo possuía em S. Félix e não as que possuía em Brantães que são situadas muito longe do rio de Serzedo e pela parte de cima e não pela parte de baixo do dito rio.

(Contínua na pág. 7)

FERNANDO GRADE: «A poesia é um acto solitário. Faz-se para se ficar menos só. Para sermos felizes, por instantes. É solidariedade connosco mesmos e com os outros. Um rebate a sinos. Fogo ácido no escuro.»

A publicação do último livro «O Vinho dos Mortos», de Fernando Grade, levou-nos a procurá-lo para nos falar não só do seu livro, dos seus projectos e da poesia em geral mas também, aproveitando a sua qualidade de membro do Movimento de Intervenção Cultural e da Associação Portuguesa de Escritores, nos dizer sobre a actividade das duas instituições.

Entrevista conduzida por F. AZEVEDO BRANDÃO

F.A.B. — A sua biografia diz: «Faz parte do MIC». Que é o MIC, que papel desempenha no contexto cultural do País e quais os seus objectivos?

F.G. — Começamos pelo princípio: o MIC são as iniciais, a sigla do Movimento de Intervenção Cultural. O MIC pretende — e tem-no conseguido até ao momento — ser um movimento de dinamização, um descentralizador de cultura. O papel que desempenhamos no contexto cultural do País é o de fazer chegar a arte escrita, e mormente a poesia, a estratos cada vez mais alargados de população. A cultura não deverá ser algo que tenha a ver unicamente com a macrocéfala Lisboa. Posso dizer-lhe, entretanto, em relação ao pouco mais de meio ano que temos de actividade, que o MIC já realizou sessões culturais em Guimarães, Torres Vedras, Castelo Branco (por duas vezes), Oeiras, Fundão (por duas vezes), Almada, Tortosendo, Lisboa (lançamento do livro colectivo «Viola Delta»), Idanha-a-Nova e Carcavelos.

Numa das sessões no Fundão e na de Tortosendo trabalhamos em colaboração com a Associação Portuguesa de Escritores. Aliás, no momento em que respondo à sua pergunta (30 de Julho), mantém-se ainda aberta ao público, no Museu de Castelo Branco, uma exposição individual minha composta por desenhos («Teoria das Multidões») e «Colagens Perversas», amostragem essa que responde e se integra perfeitamente nas propostas de dinamização e descentralização do MIC.

F.A.B. — Como membro da direcção da Associação Portuguesa de Escritores, qual tem sido a actividade da Associação após o 25 de Abril no que se refere à sua estrutura interna, bem como no seu papel de defensora dos interesses dos seus associados?

F.G. — Não há dúvida que internamente (e não se trata, em boa verdade, de quem é que há-de gabar a noiva...) a Associação Portuguesa de Escritores, no biénio de 1966-67, tem desenvolvido uma actividade que, sem ser tão profunda como se desejaria, atinge mesmo assim uma bitola jamais alcançada por anteriores quadros dirigentes da APE. Penso (e é de justiça reconhecê-lo) que esse trabalho de sapa fica a dever-se à acção bem meritória do vice-presidente, E. M. de Melo e Castro. Desta feita, posso revelar-lhe, grosso modo, que a APE admitiu pessoal, apetrechou os serviços de secretaria e contabilidade, criou um boletim intersócios através do qual são noticiados os acontecimentos principais da vida associativa, estruturou um banco de dados e publicará — a partir de Outubro — uma revista literária. Além disso, a APE tem, igualmente, desempenhado um papel que reputamos importante ao nível da descentralização cultural. Numerosos colóquios (sobre «A Literatura e a Resistência», «A Poesia Moderna», «Romance Português», «Teatro e Intervenção Política...») foram efectivados pela APE, especialmente em colectividades de cultura e recreio. De outro modo, temos estado vigilantes quanto à possível efectivação de atentados à liberdade de expressão (o que aconteceu, ainda recentemente com uma peça teatral de Luís de Sttau Monteiro transmitida pela RTP) e, em casos assim, manifestámos, e sempre manifestaremos, o nosso repúdio por todos aqueles (sejam entidades ou indivíduos) que pretendam fazer letra morta da Constituição, aniquilando, por conseguinte, as conquistas de Abril. Cumprir-me dizer ainda que é intenção da Associação Portuguesa de Escritores, a partir do começo da próxima época literária, realizar um trabalho de defesa es-



BIO-BIBLIOGRAFIA

Fernando Grade, nasceu em 1943. É poeta e pintor de reconhecido mérito.

Como poeta escreveu: «Sangria» (1962), «Um Arbusto Entre os Calhaus» (1965); «Desintegracionismo» (1965); «Três Poetas na Cidade» (1969) de colaboração com outros dois poetas; «A+2» (1970); «10 Anos de Poesia» (1972); «Natal Social» (1976) com outros poetas; «Viola Delta» (1977) «O Vinho dos Mortos» (1977).

Tem organizado recitais de Poesia, colóquios e conferências. Como pintor é o criador da «Teoria das Multidões» e das «Colagens Perversas». Fez várias exposições dos seus trabalhos não só em Lisboa mas também em Angola, Açores e Cascais. Tem quadros seus no Museu de Angola, na Galeria Nacional de Arte Moderna e do Museu da Cidade de Luanda.

Actualmente é director da Associação Portuguesa de Escritores e da Associação Portuguesa de Críticos. Faz parte do Movimento de Intervenção Cultural.

pecífica dos interesses dos seus associados, algo que poderemos

(Contínua na pág. 7)

AS RAÍZES DO TÉDIO EM MANOEL LARANJEIRA

Por JOEL SERRÃO

(Cont. do «Encontro» n.º 16)

Era, pois, obrigado, mesmo que contrafeito, a recorrer à razão, na busca, da verdade. Por isso,

Corri atrás da verdade, crendo que ela me daria na terra a felicidade...

Mas desencantado, acrescenta logo:

Pobre de mim! que corria sempre atrás duma ilusão que, como outras... mentia!

É que, explica ele, «o Homem só adquire uma verdade à custa duma desilusão; por um preço desmedidamente doloroso. A últi-

ma verdade será a que nos desmanchar a última ilusão — a ilusão da imortalidade»(2).

De outra feita proclama também:

Eis a verdade: descerra os olhos loucos p'ra a ver e os desenganos que encerra! toda a verdade — é morrer!

Orá se assim é, se tudo se cinge apenas à vida terrena, quem luta ingloriamente sabendo não ir além da morte?

Segundo confessa, aquilo que «assusta» não é o facto inelutável da morte em si (não o buscou ele por suas próprias mãos?); aquilo que o preocupava era o absurdo da vida, uma

(Contínuação da página 1)

ESCAPARATE

EDIÇÕES 70 — Acabam de publicar na sua apreciada «Coleção Esfinges»: «Tratado da Pedra Filosofal», de Lambsprink, seguido de «O Piloto da Onda Viva», de Mathurin Eyquem do Martineau.

Na sua colecção «Autores Angolanos» publicou: «Poemas no Tempo», de Arnaldo Santos e «Gente de Meu Bairro», de Jorge Macedo.

EDITORIAL ESTAMPA — Publicou «A Opção Africana», de Gleb Staruchenko e na colecção «Biblioteca do Socialismo Científico», o livro «O Direito à Preguiça e Outros Textos», de Paul Lafargue.

LA QUINZAINÉ LITTÉRAIRE — Quase todo o n.º 261 referente ao mês de Agosto é dedicado ao tema «Do Romance Popular à Literatura de Consumo» com artigos de Maurice Nadeau, Jean Louis Borey, Herbert Juin, Elisabeth Couvert-Castéra, Jean Cherneaux, Jean Borie, Christiane Baroche, Tomy Cartano, Fran-

çois Riviere, Francis Lacassin, Yury de Bosschére, Richard Zrehen, Marie Françoise Hans, Michel Ragon, Claude Wauthier e Georges-Michel Sarotte.

Todos eles tentam responder a perguntas como: O que é o romance popular? O que é literatura popular e literatura de massa?

Crónicas de cinema, teatro e inédito completam a edição.

JORNAL DE LETRAS — O último número que temos presente

Porte Pago Comissão Municipal de Espinho

deste jornal de letras que se publica no Rio de Janeiro é o referente a Junho. De destacar a notícia sobre censura prévia a que as publicações estrangeiras ficarão sujeitas; a morte do jornalista e editor Carlos Lacerda; a crítica de livros por Jorge Amado, Alan Viggiano, Pedro Lyra, Assis Brasil, etc.; entrevista com Wilson Castelo Branco, crítico e romancista; e ainda artigos sobre cinema (Luís Jardim à procura do tempo perdido) e artes plásticas.

SEMANARIO